

Novas famílias

Reprodução para gays, lésbicas, independentes e soropositivos

Desde que comecei a trabalhar com reprodução assistida, há quase 20 anos, tive oportunidade de ajudar algumas mulheres que optaram pela maternidade mesmo sem ter um companheiro estável para compartilhar as dúvidas e emoções da gestação. Sempre me impressionaram a coragem e a determinação com que essas mulheres vêm, com frequência cada vez maior, abdicando do conforto e da liberdade de suas vidas de solteiras para trazer ao mundo crianças extremamente amadas e desejadas.

Assim como tenho usado as técnicas e tratamentos de reprodução assistida para possibilitar a essas mulheres a realização na maternidade, gostaria de ter ajudado mais casais de homossexuais a realizar o mesmo sonho. Infelizmente, poderia ter sido muito maior o número de homens e mulheres que me procuraram nesses 20 anos para tentar levar adiante o projeto amoroso de conceber e criar um filho com seus companheiros de vida do mesmo sexo.

Nos últimos anos, esse panorama tem mudado e, com os recursos dos quais dispomos hoje, temos várias opções de ajuda. Sem dúvida, a explicação para o número ainda pequeno de homossexuais que procuram

tratamento para ter filhos está no preconceito que ainda grassa em nosso país contra tudo o que não é convencional.

Outra situação que era rara e hoje tem aparecido com uma freqüência cada vez maior é a questão dos casais sorodiscordantes, ou seja, em que um dos cônjuges é soropositivo (HIV+) e o outro não.

Até o final da década de 80, a Aids era incurável e um número enorme de homens e mulheres jovens morreu em consequência dela. Com o advento das drogas antiretrovirais, que, combinadas, mostraram-se extremamente eficazes no controle da doença, os pacientes soropositivos tiveram sua expectativa de vida bastante aumentada.

A maior incidência da Aids concentra-se justamente em pessoas em idade reprodutiva que, com expectativa de vida aumentada, resolveram ter filhos.

O objetivo deste livro é mostrar não apenas como os avanços da Medicina Reprodutiva tornaram possível ajudar homossexuais, mulheres solteiras e homens soropositivos a terem filhos, mas também qual é a demanda psicológica que cada escolha destas traz e como lidar com ela.

Espero que ele contribua para diminuir o preconceito contra as novas famílias. Espero, também, que ajude homens e mulheres heterossexuais ou homossexuais que desejam vivenciar a experiência da maternidade e da paternidade. Que esse maravilhoso caminho para tornar sua existência mais completa seja

a recompensa pela coragem de nadar contra a corrente.

1

Novas famílias

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, todos os homens e mulheres têm o direito de constituir uma família, sejam eles casados ou solteiros, heterossexuais ou homossexuais. A Constituição brasileira também coloca o planejamento familiar como livre decisão do indivíduo ou casal. Por séculos, porém, um único modelo de família gozou de aceitação social e existência jurídica: aquele que é composto por um homem e uma mulher, unidos maritalmente, e seus filhos biológicos. O direito de transmitir e herdar propriedades, entre muitos outros, foi sempre privilégio das pessoas reunidas por esse vínculo.

Embora ainda seja de longe o mais aceito, o modelo nuclear de família já não é mais o único a merecer um lugar no mundo. Pelo contrário: de acordo com recenseamentos recentes, ele perde espaço rapidamente para outros tipos de formação. No Brasil, em 1995, as famílias nucleares (encabeçadas por um homem e uma mulher casados) eram 57,6% do total de famílias, segundo o IBGE. Em 2005, correspondiam a apenas 50% do total, enquanto a outra metade era composta por mulheres solteiras com filhos (18,3%),

casais sem filhos (15,2%), pessoas sozinhas (10,4% do total) e outros arranjos (6,3%).

O último censo norte-americano, de 2000, mostrou que há hoje no país uma porcentagem ainda mais alta de “novas famílias” do que no Brasil: juntas, as novas uniões perfazem 77% dos grupos familiares norte-americanos, contra apenas 23% de famílias formadas por um homem e uma mulher casados e seus filhos. De acordo com o mesmo levantamento, 250.000 crianças americanas estão sendo criadas por casais de homossexuais, dos quais há 150.000 no país. As famílias compostas por gays ou lésbicas estão presentes em 96% das localidades dos Estados Unidos.

Mudanças de padrão

As mudanças profundas no padrão familiar que estamos assistindo têm raízes nas transformações comportamentais que ganharam velocidade na segunda metade do século 20. A partir da década de 70, gays e lésbicas saem da invisibilidade, organizam-se para combater a discriminação social à qual se vêm submetidos e começam a conquistar importantes direitos civis. Em muitos países, passam a ter suas uniões aceitas legalmente; em outros, adquirem o direito de adotar filhos. Depois de consolidar seu novo papel social - na linha de frente do mercado de trabalho - as mulheres, sobretudo a partir dos anos 90, invertem suas prioridades, postergando o casamento e a maternidade para depois das conquistas

profissionais.

Na medida em que esses novos comportamentos vão se enraizando, o direito universal de constituir família passa a ser reivindicado também por novas categorias de pais e mães - notadamente, homossexuais de ambos os sexos e mulheres que optam por criar seus filhos sozinhas. A partir dos anos 1980, com a rápida evolução dos tratamentos de reprodução assistida, o sonho de ter filhos torna-se menos impossível para homens e mulheres que, por escolha sexual ou opção de vida, não têm no casamento heterossexual seu ideal de felicidade - mas, não obstante, querem trilhar o caminho e vencer os obstáculos para construir uma família.

Evolução e resistência

Criadas para atender pessoas que desejam se reproduzir mas enfrentam algum tipo de impedimento, as técnicas e procedimentos de reprodução assistida - como a inseminação artificial e a fertilização *in vitro* - acabariam beneficiando também outro grupo minoritário que luta pelo direito à reprodução: os portadores do vírus HIV. Graças a um processo de lavagem do sêmen que diminui a carga viral do esperma, as mulheres soronegativas de homens soropositivos podem gerar, a partir do espermatozóide do marido, filhos sem o vírus.

Até a utilização do espermatozóide lavado (e injetado no óvulo pela técnica do ICSI, ou

intracitoplasmic sperm injection), mulheres casadas com homens portadores do vírus HIV tinham freqüentemente seu direito aos tratamentos de reprodução assistida negado. Ainda hoje, e apesar dos resultados - não há relatos de crianças soropositivas nascidas de mães que se submeteram ao tratamento -, países como os Estados Unidos resistem a estender os benefícios da reprodução assistida às famílias de portadores do HIV. (FIGURA DO ICSI)

De forma semelhante, mulheres solteiras e casais de gays ou lésbicas que procuram clínicas de reprodução humana nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil têm todos chance, ainda hoje, de enfrentar alguma resistênciã por parte de médicos mal-informados - ou mesmo de ter o tratamento negado. No Brasil, onde não há lei regendo os procedimentos da Medicina Reprodutiva, mas apenas uma resolução do Conselho Federal de Medicina de mais de dez anos (*leia a íntegra no Anexo deste livro*), um casal de homossexuais masculinos não pode optar pela cessão temporária de útero, ou "barriga de aluguel", para ter um filho. Mas não há nada na resolução que impeça uma mulher solteira ou homossexual de se submeter a um tratamento de reprodução.

Na Inglaterra, onde a medicina é socializada e o crescimento no número de mães solteiras assusta os governos, muitas mulheres enfrentam dificuldade para conseguir acesso aos tratamentos de reprodução assistida. Nos Estados Unidos, onde mais e mais gays

masculinos estão contratando “barrigas de aluguel” para ter filhos, ainda há casos, embora raros, de mulheres solteiras e lésbicas que reportam dificuldades para fazer tratamentos de fertilidade.

Reprodução e ética médica

Para tentar erradicar qualquer reação negativa a pacientes que não fazem parte de uma família nuclear tradicional, o Comitê de Ética da Associação Americana de Medicina Reprodutiva publicou em 2006 um documento em que exorta os médicos a atender a todas as demandas de tratamentos de reprodução assistida da mesma forma, sem fazer qualquer distinção que se baseie no estado civil ou na orientação sexual do paciente.

“Acreditamos que há uma obrigação ética de tratar todas as pessoas igualmente, independentemente de seu estado civil ou escolha sexual”, diz o documento (www.asrm.org/Media/Ethics/fertility_gaylesunmarried.pdf). “Apesar de a maioria dos nascimentos ainda ocorrer no contexto dos casais heterossexuais, as variações são inúmeras. Um número cada vez maior de mulheres profissionais, e sem parceiros, escolhem ter filhos, muitas vezes com a ajuda da inseminação artificial. Há também uma tendência sensível entre lésbicas e, cada vez mais, homens gays casados e solteiros, a ter filhos, freqüentemente por meio de alguma forma de reprodução assistida.”

Filhos saudáveis

Além do fundamento da ética médica que condena a discriminação, o documento americano lança mão de um argumento científico para defender o direito de gays, lésbicas e mães independentes à reprodução assistida. Até hoje, não foi encontrada nenhuma evidência de que as crianças criadas por mães solteiras, hetero ou homossexuais e gays sofram qualquer desvantagem - ou dificuldade emocional - por causa disso. Pelo contrário: estudos realizados por pesquisadores de importantes universidades americanas, e endossados pela *American Psychological Association*, mostraram que os filhos e gays, lésbicas e mães solteiras têm um desenvolvimento em tudo semelhante ao de crianças criadas por casais de heterossexuais - às vezes, melhor.

Ao comparar crianças que cresceram em arranjos familiares convencionais e não-convencionais, muitos estudiosos concluem que o mais decisivo para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos pequenos é a qualidade da relação que mantêm com os pais. Isso é muito mais importante do que quantos são os pais ou qual é seu sexo - afirma a psicóloga Peggy Drexler no livro *Raising Boys Without Men* (Criando Meninos Sem Homens). Professora da Universidade de Cornell, Nova York, Drexler conduziu um estudo que mostrou, nos filhos de mães solteiras, uma combinação rara de qualidades e competências. "As mães solteiras estão criando um tipo de homem diferente, forte,

sensível, independente e capaz de entender o valor da emoção", afirma.

Dificuldades e esperança

Apesar de tantos avanços e conquistas, gays, lésbicas e mulheres solteiras que optam por ter filhos enfrentam dificuldades consideráveis. As implicações psicológicas, materiais e sociais não são pequenas. Mulheres "independentes" têm de lidar com a solidão, a responsabilidade financeira extra e, às vezes, com a própria fantasia desfeita de um casamento perfeito. Para ter filhos, gays e lésbicas têm de sair da invisibilidade e assumir sua relação diante das comunidades das quais fazem parte, muitas vezes expondo-se à discriminação.

Para nossas sociedades, o casamento heterossexual e a família nuclear continuam sendo os parâmetros de normalidade. Homens e mulheres que escolhem nadar contra essa corrente dificilmente escaparão de esbarrar nas manifestações mais diversas de preconceito, da sutileza das perguntas indiscretas ("Quem é o pai?") às manifestações abertas de repúdio ("Você não acha que está sendo egoísta ao privar seu filho de um pai?").

Mas, mesmo em países como o nosso, onde ainda há muito a conquistar em termos de mentalidade - e em especial no que diz respeito à diversidade sexual e comportamental -, as coisas, pouco a pouco, começam a mudar. Cada vez mais abertos à idéia de inclusão, que

vêm colocando em prática com as crianças de necessidades especiais, educadores e escolas já têm condições de atender e proteger os filhos de novas famílias, cuidando para que não sofram agressões, traumas ou discriminação.

Entre os médicos que trabalham com reprodução assistida no país, uma parte considerável ainda se sente desconfortável para tratar pacientes homossexuais, e há quem recuse mulheres solteiras. Mas não são poucos os profissionais que não apenas oferecem tratamentos de infertilidade a homossexuais e mulheres solteiras, como também o fazem com muito prazer. Esse é o nosso caso. Trata-se, afinal, de ajudar seres humanos a realizar o sonho - e direito universal - de constituir uma família.